

INTERVENÇÃO DA PSICOLOGIA NA ESCOLA E O TRABALHO COM AS FAMÍLIAS

Nicole Galvão Bissuti¹
Alcione Januária Teixeira da Silveira²

cionepsi@hotmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Sociais e Aplicadas

RESUMO

O presente estudo aborda a questão da intervenção da psicologia na escola e o trabalho com as famílias. A Lei 13.935/2019 destaca o papel do psicólogo que deve estar presente no ambiente escolar por vários motivos, este profissional vai auxiliar tanto os alunos quanto os professores em situações nas quais seja preciso um olhar mais delicado. O objetivo deste artigo foi analisar o trabalho realizado com as famílias, através da psicologia no ambiente escolar. O artigo foi de natureza qualitativa através do método observação e questionário. Os resultados apresentam que a escola observada tem uma profissional da psicologia há oito meses, sendo esta, a primeira psicóloga a atuar nesse espaço. No que se refere à intervenção com a família, os resultados apresentam a fala da psicóloga que descreveu sobre as intervenções serem realizadas com os alunos, assim, sempre buscamos a família para conversar, explicando o que está acontecendo na escola e procurando entender melhor o contexto familiar do aluno, procurando também deixar claro a importância da participação da família nesse processo para que a gente consiga obter bons resultados.

PALAVRAS-CHAVE: escola; família; trabalho; intervenção psicologia.

1 INTRODUÇÃO

A preocupação com a relação família-escola em nosso país não é recente, desde o início do século XX, já se percebia a importância do tema. A partir da década de 1920, o Movimento Escola novista ganhou força no Brasil e propôs a implantação de um modelo educativo baseado em conhecimentos científicos que considerasse especificidades da infância e as individualidades dos educandos. Ao mesmo tempo ganhava força e se consolidava o Movimento Higienista que entendeu sua ação ao espaço da escola no intuito de difundir e instruir estudantes e famílias

¹Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Univértix.

²Psicóloga, Doutoranda em Educação, Mestre em Educação e Professora do Curso de Psicologia no Centro Universitário Univértix.

sobre hábitos de higiene e costumes que deveriam ser adotados como práticas preventivas para diversas doenças (Campos, 2011; Silveira, 2011).

Em meio às discussões sobre novas concepções de educação, foi criada no Rio de Janeiro, em 1924, a Associação Brasileira de Educação (ABE), com o propósito de reunir intelectuais interessados em debates à reforma do ensino no Brasil. Essa associação propôs uma seção de Cooperação da Família, cuja surgiam para as famílias dos escolares em atividades como cursos, palestras, exposições, eventos que as aproximassem do ambiente escolar, esclarecendo-as quanto aos novos métodos de ensino e sobre as melhores maneiras de educarem e cuidarem de seus filhos. Também surgiu, a partir dessa iniciativa, o Círculo de Pais e Professores em Escolas Públicas e Privadas, que visava a aproximar familiares e educadores em prol de uma atuação conjunta no processo educativo (Campos, 2011).

Paulo Freire (1983) já falava sobre a chegada dos psicólogos e demais especialistas na escola que se daria por uma estrutura institucional hierarquizada que distribui responsabilidades. Especialistas e professores nem sempre tem conseguido produzir uma rede potente para pensar nas suas práticas escolares, indagar sobre as singularidades de um cotidiano nas suas ações para mudar a vida no que ela os desafia. Segundo Rocha (2001), o especialista só entra em cena quando a escola se cristaliza em uma pluralidade de leis e abandona o enfrentamento do coletivo nas suas divergências, enfraquecendo a capacidade de negociação e os vínculos que tecem a rede social.

A Constituição Federal de 1988 apresentava que as redes públicas de educação básica contarão com serviços de psicologia e de serviço social para atender às necessidades e prioridades definidas pelas políticas de educação, por meio de equipes multiprofissionais. As equipes multiprofissionais deverão desenvolver ações para a melhora da qualidade do processo de ensino-aprendizagem, com a participação da comunidade escolar atuando na mediação das relações sociais e institucionais (Lima, 2019).

O trabalho em questão justifica-se através de uma experiência de estágio do curso de psicologia realizada por meio de observação de serviços ofertados em uma escola Municipal no interior de Minas Gerais.

O objetivo deste artigo foi analisar o trabalho realizado com as famílias, através da psicologia no ambiente escolar.

Trabalhos como estes são importantes dar relevância ao trabalho de promoção e bem-estar do desenvolvimento integral das crianças e adolescentes, destaque ao suporte emocional, prevenção e intervenção em situações de risco, apoio acadêmico e promoção de relações familiares saudáveis. O trabalho apresenta a atuação do psicólogo escolar e evidencia a atuação do campo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Lei 13.935/2019 destaca o papel do psicólogo que deve estar presente no ambiente escolar por vários motivos, este profissional vai auxiliar tanto os alunos quanto os professores em situações nas quais seja preciso um olhar mais delicado, por exemplo, quando um aluno está com grandes dificuldades para aprender, ou quando há algum conflito entre os estudantes, em uma turma como um todo, ou até mesmo entre alunos e professores. Já o assistente social na escola é extremamente importante, principalmente, e exclusivamente em escolas localizadas em áreas mais afastadas ou precárias, afinal, as escolas desses lugares costumam abrigar crianças e adolescentes com problemas familiares desde estruturais até os financeiros. Por isso o psicólogo e assistente social devem trabalhar juntos, com o mesmo objetivo de manter a estabilidade e a harmonia no ambiente escolar (Brasil, 2019).

Oliveira (2007) destaca que a família e escola conhecem suas responsabilidades específicas, entretanto, não reconhecem as funções compartilhadas pelas duas instituições. Essa ausência de compreensão sobre o papel conjunto da escola e da família no desempenho escolar de estudantes interfere diretamente no modo como ambas estabelecem suas relações.

Silva (2008) destacou como relevante pensar o desenvolvimento de uma postura de diálogo da escola com as famílias, o fortalecimento da relação entre professores e alunos, incentivo aos professores no sentido de promoverem maiores contatos com as famílias. A partir da perspectiva da psicologia reflexiva, considera-se que a relação família-escola é um campo amplo para intervenções psicossociais, revelando-se como uma área de atuação do psicólogo escolar. Esse profissional deve desenvolver uma atuação voltada aos aspectos que podem modificar essa

relação, favorecendo a promoção do desenvolvimento dos agentes envolvidos (Moreira e Guzzo, 2014).

Diante disso, Garcia (2005), Oliveira (2007) e Silva (2008) apontaram ações possíveis de serem desenvolvidas por psicólogos escolares na relação família-escola, enfatizando a importância do planejamento de atividades a serem desenvolvidas junto aos pais sobre temas de seu interesse, a realização de reuniões com os familiares, envolvendo dinâmicas conduzidas junto aos professores.

Freitas (2016) descreve que a relação entre família e escola tem sido estudada por diversas perspectivas teóricas e vem despertando o interesse de pesquisadores que têm desenvolvido estudos principalmente sobre as implicações dessa relação para o desenvolvimento de crianças e jovens no âmbito social e educativo.

Guzzo (2018) relata os papéis da escola e da família na educação e argumenta a relevância da família compreender o papel que desempenha na educação de seus filhos, bem como é essencial problematizar a função da escola, a domesticação do ensino, a ideologia que privilegia o ajustamento, para que assim se construa uma nova configuração de escola. Oliveira e Marinho Araújo (2010) dizem mencionam que, embora se tenha a compreensão de que a família e a escola são contextos basilares do desenvolvimento humano e campo de atuação da Psicologia Escolar, poucos são os estudos científicos nessa área que se dedicam a compreender sistematicamente a relação entre eles e a investigar como o psicólogo escolar pode contribuir nessa relação.

É essencial que as escolas vejam os psicólogos como profissionais que somam e não como substitutos de outros profissionais. Todos estão na instituição com o objetivo de promover o bem-estar dos alunos, oferecendo uma educação de qualidade e acompanhamento para uma boa saúde mental. O trabalho do psicólogo escolar envolve o acompanhamento do aluno, da família, dos colaboradores e da comunidade em geral, por meio de palestras, rodas de conversa e outras atividades didáticas. Vale ressaltar que o psicólogo escolar não realiza atendimento, mas sim acompanhamentos e aconselhamentos, podendo fazer escuta emergencial em casos específicos (Furtado e Brandão, 2017).

Silva (2008) em sua pesquisa, considera a necessidade de utilizar os problemas existentes na relação família-escola como fontes de desafio para

potencializar a aprendizagem dos estudantes. A partir de pesquisa realizada em uma escola municipal, comprovou que é possível aproximar escola e familiares, utilizando como recurso a conscientização sobre práticas que podem ser melhoradas nessa relação, a exemplo da promoção do diálogo entre os atores escolares. Oliveira (2007) verificou que a família e escola conhecem suas responsabilidades específicas, entretanto, não reconhecem as funções compartilhadas pelas duas instituições. Essa ausência de compreensão sobre o papel conjunto da escola e da família no desempenho escolar de estudantes interfere diretamente no modo como ambas estabelecem suas relações.

De acordo com Guzzo (1990), a família tem delegado á escola as resoluções de problemas por não se sentir preparada para lidar com as dificuldades encontradas no processo desenvolvimento e aprendizagem de seus filhos. A escola, como detentora do conhecimento, tem se utilizado dessa fragilidade familiar e procedido a partir de duas intervenções centrais, como orientar os pais como proceder com os seus filhos e/ou encaminhar o problema para serviços especializados fora da escola. Dessa forma, percebe-se que o psicólogo escolar tem um papel fundamental nessa mediação.

Oliveira e Araújo (2010) explicam que esse profissional precisa estar atento ás características que permeiam a relação família-escola, bem como propor espaços de diálogos, escutando a ambos e compreendendo os diversos atores que fazem parte dessa relação. Destaca-se ainda que essa comunicação não deve ocorrer apenas em reuniões bimestrais, mas ,também, por meio de outros canais de comunicação. Isto é, as autoras defendem a responsabilização compartilhada e a importância de se investigar as concepções que a equipe gestora, professores e pais tem acerca da relação família- escola, pois cada contexto escolar apresenta as suas particularidades, que poderão ou não contribuir para a efetivação de uma relação participativa.

3 METODOLOGIA

O presente artigo trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa assume diferentes significados no campo das ciências sociais, ela compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de

significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (Maanen, 1979). O desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador, esse corte define o campo e a dimensão em que o trabalho desenvolve-se, isto é, o território a ser mapeado. O trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados, (Manning, 1979).

Utilizamos para a pesquisa em questão, o método de observação e questionário. Segundo Danna e Matos (2006), a observação mostra-se relevante especialmente para entender o que os organismos fazem e sob quais circunstâncias, e nos estudos que envolve interações humanas, visto haver situações que dificilmente poderiam ser captadas ou apreendidas de outra forma. Os dados coletados a partir da observação fornecem subsídios para diagnosticar uma situação problema, facilitar a escolha das técnicas e procedimentos empregados na pesquisa e na avaliação da sua eficácia.

Segundo Fagundes (1999), a observação comportamental é importante para psicólogos, modificadores do comportamento e pesquisadores, servindo-lhes como um instrumento de trabalho para obtenção de dados que, entre outras coisas, aumentem sua compreensão a respeito do comportamento e investigação.

O questionário segundo Parasuraman (1991) é um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto. Embora o mesmo autor afirme que nem todos os projetos de pesquisa utilizam essa forma de instrumento de coleta de dados, o questionário é muito importante na pesquisa científica, especialmente nas ciências sociais.

Este estudo faz parte do cumprimento do estágio supervisionado do curso de Psicologia do Centro Universitário Univértix. A observação foi realizada ao longo de 40 horas, entre os meses de fevereiro a maio de 2024, em uma Escola Municipal no interior de Minas Gerais, uma escola que oferta o ensino fundamental com total de 196 alunos, a escola é situada em uma região periférica, área de muita vulnerabilidade social. É uma escola com boa estrutura física e material, há na escola alguns problemas relatados, como a sala de intervenção que está com problemas de mofo e se encontra sem condições de uso, no entanto, todas as salas

de aula tem uma TV, a biblioteca é grande, têm muitos livros, mesas e acesso à internet.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola observada tem uma profissional da psicologia que iniciou seus trabalhos na escola, há oito meses, é a primeira psicóloga a atuar no local. Referente ao profissional de assistência social, até o momento da observação, permanece ausente.

Segundo Meira e Antunes (2003), a Psicologia da Educação configurou-se, no decorrer do século XX, como uma área de conhecimento voltada para questões da Educação e, em especial, da educação escolar. As autoras afirmam que a inserção de ideias psicológicas no processo educacional influenciou concepções e práticas pedagógicas, demarcando um lugar de importância para a Psicologia no campo educacional. Nesse contexto, a Psicologia da Educação adquiriu uma autonomia que possibilitou a constituição de uma área de atuação específica da qual emerge, entre outros modos de atuação, a figura do Psicólogo Escolar. Muitas análises do que vem sendo produzido na área evidenciam que é preciso caminhar no sentido da apropriação efetiva de referenciais teórico-metodológicos que sustentem e consolidem práticas que considerem as múltiplas determinações da realidade educacional e que, a partir disso, a Psicologia possa de fato colaborar com a melhoria da qualidade de ensino oferecido à maioria da população brasileira, culminando em transformações concretas na Educação.

Para tanto, no ano de 2019, a Lei 13.935 garante as equipes multiprofissionais para realização de trabalho para melhor qualidade no processo de ensino-aprendizagem contando com os serviços de psicologia e serviço social nas redes públicas de educação básica.

A ausência de um assistente social na equipe tem sido notável, como observou a psicóloga do serviço, ela enfatizou que a presença da assistente social seria crucial para lidar com as questões de forma mais ágil. Foi apresentado também questões de ordem material referente à condição da sala de recursos, que está infestada de mofo, impedindo os alunos que necessitam desse espaço o utilizem. A psicóloga destaca a importância de resolver questões urgentes como essas para garantir um ambiente escolar seguro e propício ao desenvolvimento dos alunos.

Em questionário direcionado para a psicóloga, foi perguntado sobre sua crença na importância da psicologia na escola e ela relatou:

A presença da psicologia é essencial para que se possamos fazer um trabalho preventivo, por meio do apoio emocional, promoção de um ambiente escolar mais saudável através de programas de prevenção ao *bullying*, à promoção da diversidade e o desenvolvimento de estratégias para lidar com conflitos e comportamentos inadequados, contribuindo também para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, sendo esses apenas alguns de muitos outros motivos para acreditar que é necessário ter um psicólogo dentro do ambiente escolar (Psicóloga, 2024).

Para Barbosa (2001, apud Machado, 2010) a psicologia escolar tem o objetivo de contribuir para aperfeiçoar o processo educativo, entendido como complexo processo de transmissão cultural e de espaço de desenvolvimento da subjetividade. Segundo Cassins (2007), a psicologia se articula com a educação buscando alternativas para auxiliar o processo educativo, assim, compreende o desenvolvimento ensino/aprendizagem a partir dos conhecimentos sobre o desenvolvimento emocional, cognitivo e social, para direcionar a equipe educativa no aperfeiçoamento da escolarização do aluno. A participação do psicólogo escolar na equipe multidisciplinar é imprescindível, uma vez que, com conhecimentos e experiências científicas acerca do processo de aprender e aprendizagem do aluno, mostrando que, os déficits de aprendizagem muitas vezes têm as causas na educação familiar, outras vezes na ausência de uma vinculação sólida familiar. Desta forma, é preciso levar em conta a relação professor-aluno e estudar cada caso em profundidade.

Perguntamos à psicóloga se existe algum trabalho com as famílias na escola em questão e se considerava um trabalho efetivo. A psicóloga falou dos desafios enfrentados:

Apesar de sempre mantermos um bom relacionamento com grande parte dos pais dos alunos, criando um ambiente aberto e acolhedor para que eles possam nos procurar quando sentirem que é necessário, e que nós da escola pudéssemos fazer o mesmo, infelizmente nesse período em que estive na escola não consegui que fosse criado um programa de fato em que conseguíssemos engajar ainda mais de forma positiva as famílias na vida escolar dos alunos. Nas intervenções realizadas com os alunos, sempre buscamos a família para conversar, explicando o que está acontecendo na escola e procurando entender melhor o contexto familiar do aluno, procurando também deixar claro a importância da participação da família nesse processo para que a gente consiga obter bons resultados, seja em qualquer tipo de demanda (por dificuldades de aprendizagem, alunos com necessidades especiais, dificuldades comportamentais, etc) (Psicóloga, 2024).

As questões apresentadas pela psicóloga é uma realidade vivenciada nesse novo espaço de atuação. Segundo Novaes (2010) a prática do psicólogo escolar se faz com muitos desafios e se inicia na formação para lidar com as novas realidades socioeducativas, a autora enfatiza preocupação excessiva do profissional em solucionar todos os problemas educativos que na maioria das vezes está ligado a diversos fatores, e isso acaba por fragilizar sua própria atuação. Ainda é comum haver resistência de outros profissionais frente á atuação do psicólogo escolar, sendo este considerado elemento persecutório, visto com olhar de quem chega para analisar, investigar e interferir.

No entanto, é inegável que a escola tem um papel fundamental diante das famílias, juntas, conseguem compartilhar diretrizes educacionais, emocionais, políticas, pessoais e interpessoais, ajudando na formação do cidadão. Ambas tem o poder de repassar conhecimentos, habilidades, experiências e competências, contribuindo no desenvolvimento do ser humano. A inserção da família no contexto escola, é aparado por legislação vigente e deve ser estimulada pelos gestores para que se efetive essa participação e traga contribuições para o desenvolvimento da criança (Oliveira; Araújo, 2010).

A família é para a psicologia, revestida de uma importância capital, dado que é o primeiro ambiente no qual se desenvolve a personalidade nascente de cada novo ser humano. Assim, a família é vista como o primeiro espaço psicossocial das relações a serem estabelecidas com o mundo, é a matriz da identidade pessoal e social, uma vez que nela se desenvolve o sentimento de pertença e autonomia, baseado no processo de diferenciação, que permite a consciência de si mesmo como alguém diferente e separado de outro. O pertencer é constituído, por um lado, pela participação da criança em vários grupos familiares, ao acomodar-se ás regras, padrões interacionais e compartilhar da cultura particular da família que se mantem através do tempo (Minuchin, 1976).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado ressalta a relevância da intervenção da psicologia na escola e o trabalho com as famílias como ferramentas essenciais para promover um ambiente educacional saudável e produtivo, além da contribuição para o

desenvolvimento emocional, social e acadêmico dos estudantes e fortalecimento de vínculos entre a escola e a comunidade.

Destacamos também a importância de uma abordagem colaborativa e integrada entre escola, família e profissionais da psicologia para enfrentar desafios como o *bullying*, evasão escolar, dificuldades de aprendizagem, inclusão e promoção de cultura de paz em todos os sentidos.

No entanto, é crucial reconhecer a necessidade de investimento em recursos humanos e financeiros para garantir a eficácia dessas intervenções e tornar a escola um espaço verdadeiramente acolhedor e transformador. Enfatizamos ainda, a necessidade de pesquisas como essas, para destacar a importância da efetivação das políticas públicas, em especial no que se refere à atuação do serviço social e de psicologia como equipes multiprofissionais para a educação básica nas políticas de educação.

REFERÊNCIAS

ANTINATO, Fernanda; MACEDO, Rosa Maria. **A relação família-escola: um olhar sistêmico sobre a queixa escolar**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

ANTUNES, M. A. M.; MEIRA, M. E. M. (Org.). **Psicologia escolar: práticas críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CASSINS, A. M. et al. **Manual de psicologia escolar – educacional**. Curitiba: Gráfica e Editora Unificada, 2007. Disponível em: <http://www.portal.crprr.org.br/download/157.pdf>. Acesso em: 18 mar. de 2024.

FAGUNDES, A. J. F. M. **Definição, descrição e registro do comportamento**. 12^a ed. São Paulo: Edicon, 1999.

GUZZO, R. S. L. (Org.). **Psicologia escolar: desafios e bastidores da educação pública**. Campinas: Alínea, 2014.

MARINHO ARAÚJO, [Nome do Organizador]. (Org.). **Psicologia escolar: identificando e superando barreiras**. Campinas: Alínea, 2011.

MEIRA, E. M.; ANTUNES, M. A. M. (Orgs.). **Psicologia escolar: teorias críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MINUCHIN, S. et al. **Families of the shums**. Nova York: Basic Books, 1967.

MOREIRA, A. P. G.; GUZZO, R. S. L. **A psicologia que defendemos na escola que vivemos**: uma contribuição dos bastidores do "Voo da Águia". In: GUZZO, R. S. L. (Org.). Psicologia escolar: desafios e bastidores da educação pública. Campinas: Alínea, 2014.

NOVAES, M. H. **A convivência em novos espaços e tempos educativos**. In: GUZZO, R. S. L. (Org.). Psicologia escolar LBD e educação hoje. Campinas: Alínea, 2012. cap. 5, p. 73-81. Disponível em: https://www.unicerp.edu.br/ensino/cursos/psicologia/monografias/20172/DESAFIOS_ENCONTRADOSNAATUACAODOPSIKOLOGOESCOLAR.pdf. Acesso em 22 abr. de 2024.

PARASURAMAN, A. **Marketing research**. 2. ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991.

SILVA, M. L. S. **Relação escola-família: possibilidade de aproximação em situação de dificuldades de aprendizagem dos alunos**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/JcrPZFsFbGymphzJ59tbHTF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 abr. de 2024.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Serviço social e pobreza**. Revista Katálysis, v. 13, n. 2, p. 153–154, 2010.

Artigos:

ALBUQUERQUE, J. A.; BRAZ, Aquino. Psicologia escolar e relação família-escola: um levantamento da literatura. **Psico-USF**, v. 23, n. 1, p. 143-153, jan. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472021000100010. Acesso em 15 de abr. de 2024.

BRASIL. Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019. Brasília, 2019. Disponível em: <https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:lei:2019-12-11;13935>. Acesso em: 18 mar. de 2024.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995a.

GODOY, Arilda S. Pesquisa qualitativa - tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun. 1995b.

GUZZO, R. S. L. A família e a educação: uma perspectiva da interação família e escola. **Revista Estudo de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 134-139, 1990. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000400007. Acesso em 18 mar. de 2024.

JUNGLES, Lisiane Alvim Saraiva. **Parceria família-escola**: benefícios, desafios e proposta de ação [recurso eletrônico]. Brasília: Ministério da Educação (MEC), 2022.

MACHADO, F. L. B. A. Sobre a atuação do psicólogo escolar. **Faculdade de Ciências da Educação e Saúde**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2893/2/20162482.pdf>. Acesso em: 22 abr. de 2024.

MACEDO, R. M. O Jovem na família. **Simpósio de Pesquisa e Intercambio Científico Da Anepp**, São Paulo, n. 2, p. 91-120, 1993. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/788.pdf>. Acesso em: 22 abr. de 2024.

OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 1, p. 99-108, mar. 2010.

OLIVEIRA, K. L. et al. Produção científica de 10 anos da revista Psicologia Escolar e Educacional (1996/2005). **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 10, n. 2, p. 283-292, 2006. DOI: 10.1590/S1413-85572006000200011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/JcrPZFsFbGymphzJ59tbHTF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 abr. de 2024.

SOUZA, M. P. R. Psicologia escolar e educacional em busca de novas perspectivas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 13, n. 1, p. 179-182, 2009.